

GERONTOLOGIA SOCIAL, LITERATURA E MUNDO ACTUAL VISITAM MOSTEIRO DA BATALHA



Quarenta e oito alunos das disciplinas de Gerontologia Social, Literatura e Mundo Actual, orientadas pela professora Madalena Sequeira, realizaram no passado dia 28 de Maio, uma visita de estudo ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória, mais conhecido como Mosteiro da Batalha, mandado edificar em 1386 pelo rei D. João I de Portugal como agradecimento à Virgem Maria pela vitória contra os rivais castelhanos na Batalha de Aljubarrota.

Para complementar a visita, o grupo deslocou-se ao CIBA - Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota - um projecto da Fundação da Batalha de Aljubarrota para salvaguardar e valorizar o património referente ao Campo Militar de S. Jorge. A sua área expositiva combina um conceito inovador de entretenimento e educação que se divide em 4 núcleos, os quais ajudam o visitante a perceber o que foi a Batalha e como tudo aconteceu.

À CONVERSA COM... MARIA ISABEL MADURO



“A UTIS É UM ESPAÇO DE PARTILHA, ONDE PODEREMOS CONTINUAR A APRENDER”

Maria Isabel Maduro é natural de Coimbra e mestre em Ciências de Educação. Aposentada enquanto professora na Escola Superior de Educação de Santarém, é professora de Português, voluntária, na UTIS e no Estabelecimento Prisional de Torres Novas.

Como teve conhecimento da UTIS?
Logo no segundo ano, inscrevi-me na disciplina de inglês, a seguir em francês e mais tarde em espanhol. Entretanto, convidaram-me para ser professora de Português e mantive-me aluna e professora até 2011, ano em que regresssei a Torres Novas. Pela incompatibilidade de horário e distância deixei de ser aluna, situação muito difícil de conciliar.

O que a motivou a vir de Torres Novas a Santarém dar as suas aulas?
Várias motivações me moveram: os amigos e os colegas que me receberam acabada de chegar da Guiné-Bissau, onde trabalhei quase 10 anos; o gosto pela sala de aula, onde continuo a aprender; o fazer aprender é o desafio a que me proponho, em cada tema que tenho de trabalhar.

Concorda com o novo acordo ortográfico?
É óbvio que não. A nossa Língua tem evoluído através dos séculos sempre no respeito pela sua etimologia. Hoje, há um absurdo desrespeito a par de uma completa anarquia. Nem o acordo ortográfico se respeita, cada um escreve como entende, mesmo na comunicação social. É uma afronta e uma falta de respeito por todos quantos nos antecederam e sempre defenderam e honraram o mais importante símbolo, muito nosso e que nos representa tal e qual o nosso “chão”.

TURMA DE
JORNALISMO
E COMUNICAÇÃO
DA UNIVERSIDADE
DA TERCEIRA IDADE
DE SANTARÉM

ANO I
NÚMERO 6
PREÇO: 0,50 UTISINOS
MAIO 2019

UTIS Universidade
Terceira Idade
de Santarém

JORNAL DA

UTIS

A UTIS PELAS ALDEIAS HISTÓRICAS DA BEIRA INTERIOR



Nos dias 3 e 4 de maio, 33 participantes visitaram aldeias históricas da Beira Interior. A visita estava englobada nas actividades da disciplina de Geografia orientada pelo professor Vítor Barreto. Começaram por percorrer as ruas de Castelo Novo no Concelho do Fundão. Junto às instalações da “Água do Alardo” foi explicada a origem do topónimo “Castelo Novo” que resultou da substituição de um antigo castelo localizado no alto da serra que deixou de ter as condições de defesa necessárias. No reinado de Sancho I, Pedro Guterres doou a terra aos Templários. Descendo as ruas e ouvindo a água corrente nas calçadas de granito o grupo entrou no espírito medieval da antiga povoação com as inúmeras casas de famílias senhoriais, Falcão, Correia Sampaio ou Gamboa. Passaram pela Lagariça, Largo do Pelourinho: Casa da Câmara e Cadeia, da época Manuelina; e Chafariz D. João V, do período Barroco. Não deixaram de visitar a Igreja Matriz dedicada a Nossa Senhora da Graça datada do século XVIII. A segunda aldeia visitada foi Sortelha. A designação de Sortelha deriva da palavra castelhana “sortija” anel. Provavelmente um antigo jogo do anel,

um jogo medieval.

O castelo foi construído no século XII por D. Sancho I. Antes de entrar nas muralhas avistaram a Torre Sineira. No interior, a Igreja Matriz dedicada a N.ª Sra. das Neves do século XIV junto à Porta Nova e o edifício da Câmara, construção do século XVI. A sopa à lavrador e a vitela no forno já estavam à espera para um repouso já necessário. À tarde foi dedicada especialmente à comunidade judaica de Belmonte. A visita à Sinagoga foi acompanhada por uma excelente explicação, por um membro da comunidade, sobre o passado, o presente e o futuro do judaísmo em Portugal e em especial em Belmonte. Culminou com a visita ao Museu Judaico. Não se podia deixar de percorrer as ruas e recantos da terra que foi da família Cabral e em particular berço de Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil. No dia não terminou sem um são convívio musical no salão do Hotel Belsol. No sábado, já um pouco recompostos das caminhadas do dia anterior, o grupo visitou mais uma aldeia histórica, Castelo Rodrigo. A povoação foi conquistada aos árabes no século XI e foi elevada a concelho por Afonso IX de Leão. Passou a fazer parte do terri-

tório português no século XIII confirmada por foral por D. Dinis. D. João I castigou Castelo Rodrigo pela sua posição a favor de Castela e mandou inverter o seu brasão. O grupo visitou as ruínas do palácio construído sob o domínio filipino e destruído pelo povo durante a Restauração, a igreja matriz e as ruas medievais. Almeida foi a povoação visitada à tarde depois de um excelente almoço servido pela tia Matilde em Figueira de Castelo Rodrigo. Bem-haja! A visita continuou pelas ruas de Almeida com foral desde o século XIII por D. Dinis depois destas terras de Riba Cõa terem pertencido ao reino de Leão. Percorrendo as muralhas o grupo ficou com uma ideia das acções militares ocorridas durante o século XIX e a consequente destruição. A vila de Almeida é conhecida pela sua fortaleza em estrela. Por último, já nos limites das forças, foi realizada uma visita ao Museu Histórico e Militar. O regresso a Santarém já era uma necessidade! O cansaço misturou-se com a satisfação do conhecimento sobre um território de um Portugal muitas vezes esquecido - a raia beirã e com um convívio inesquecível. Obrigado a todos.

VÍTOR BARRETO

UTIS ENCERRA ANO LECTIVO COM MÚLTIPLAS ACTIVIDADES



A UTIS promove no próximo dia 27 de Junho, pelas 19h30, no Convento de São Francisco a sessão solene seguida de jantar de encerramento do ano lectivo 2018/2019, aberto igualmente a familiares dos alunos e amigos. Será o momento para homenagear e agradecer a todos os colaboradores que, ao longo deste último ano,

de forma voluntária, dignificaram a UTIS com o seu profissionalismo e dedicação. Será também uma noite de muito convívio e alegria que contará com a participação especial da Orquestra Santos e Amigos. Todos os interessados em participar deverão confirmar a sua presença até ao próximo dia 21 de Junho.

Na recta final deste Ano Lectivo, será inaugurada a 13 de Junho, às 18h00, na Associação Empresarial e Comercial de Santarém, a exposição de fotografias dos alunos, com entrega de prémios aos melhores trabalhos. A mostra permanecerá patente ao público até ao dia 29 de Junho.

Num final de ano que envolverá toda a cidade, a UTIS promove ainda uma mostra de trabalhos executados pelos seus alunos, em diferentes disciplinas, que poderão ser apreciados no W Shopping, de 19 a 30 de Junho.

Também para dia 26 de Junho está agendado o espectáculo de final de Ano, no qual participarão os grupos da UTIS de Dança, Música e Teatro, tendo como palco o Largo do Seminário, a partir das 22h00 (horário a confirmar).

OS NETOS DO SÉC. XXI



Foi num cruzar de experiências de vida que um pequeno grupo de alunas (os) da UTIS se encontrou na tarde de 15 de maio para uma partilha de questões e vivências que emergem da companhia dos "Netos do Séc. XXI".

Uns já com netos, outros ainda não mas juntos na vontade de perceber o que pode ser hoje diferente nesta relação, fomos desafiando a conversa numa ausência consciente de certezas e verdades absolutas.

Não tirámos conclusões mas fomos questionando coisas tão simples como: temos hoje crianças e jovens mais agitados?... As rotinas e tempos de segurança estru-

rante estão presentes nos quotidianos da vida de todos os dias?... Há tecnologia a mais nas vidas que agora começam?... Que fazer com tanta informação que rodeia a pequenada?...

Mas fomos também dizendo que é fundamental a segurança afectiva para a criança integrar o não na sua vida desenvolvendo resiliências, que é necessário tempo e espaço para a criatividade, que o contacto com a natureza integra novas aprendizagens e, em unanidade, defendemos que temos de ser os adultos que somos e dar espaço para a criança ser criança. A.V.

PATRÍCIA FAGULHA, PROFESSORA DE HIDROGINÁSTICA NA UTIS

“A HIDROGINÁSTICA É UMA ACTIVIDADE FÍSICA QUE DÁ PRAZER”

“A hidroginástica é uma actividade física que dá prazer”, afirma ao ‘Jornal da UTIS’ Patrícia Fagulha, professora da Turma de Hidroginástica.

Convidada a falar da disciplina que ministra, a docente considera que esta “proporciona bem-estar, diversão e uma vida social mais activa, pois a actividade é feita em grupo”, explica. O principal objectivo da hidroginástica é o condicionamento cardiovascular e muscular através dos vários exercícios, como treino da flexibilidade, relaxamento e coordenação motora.

Patrícia Fagulha considera que “praticar actividade física é ideal em todas as fases da vida e a hidroginástica na Terceira Idade é uma óptima opção, pois o corpo passa por inúmeras transformações, como declínio de massa muscular, ossea e queda na capacidade aeróbica,



é ideal para os que são activos e que não gostam de ficar parados”, salienta. “Os exercícios trazem muitas vantagens para o corpo, melhorando a qualidade de vida e proporcionando bem-estar”, conclui a professora.

A hidroginástica ajuda a fortalecer os músculos e aumentar a resistência, trabalha o equilíbrio corporal, reduz o risco de lesões por ser uma actividade de baixo impacto, ajuda a manter a densidade mineral óssea e na prevenção e tratamento da osteoporose.

A hidroginástica ainda melhora a auto-estima, diminui a ansiedade e o risco de quedas e fraturas. É uma actividade divertida, agradável e ajuda a combater o stress.

A Turma de Hidroginástica da UTIS conta com 33 alunos inscritos na disciplina.

ESCREVER, AGORA, SEM PENA...

ALCINO NUNES

Tenho a ideia de que vi numa pintura, excelente, um indivíduo sentado a uma secretária só com tempo e gavetas montadas em quatro elegantíssimas pernas e que o tal senhor vestia um calção avermelhado, umas meias brancas que terminavam debaixo do calção e calçava uns sapatos pretos brilhantes onde ostentava duas enormes aplicações que pareciam joias.

Cabelo branco comprido e bem cuidado, que hoje faria inveja a qualquer dama, talvez até fosse uma peruca de tão bela que dificilmente alguém teria tempo para assim a cuidar. Natural ou imitação era impecável. Vestia uma casaca da cor do calção em cima de uma camisa branca com muitos folhos com um fartíssimo laço discreto na cor mas exuberante no volume e fechava o colarinho com um broche que me parecia de ouro e pedras preciosas.

No seu modo de sentar adivinhava-se alguém importante. Para melhor compor a figura, viam-se por baixo de secretária as pernas cruzadas e as pontas dos sapatos, repito, pretos muito brilhantes, a tocarem o belíssimo e vastíssimo tapete.

Ouvi dizer que retratava o Marquês de Pombal a assinar um documento que tinha a ver com os Távoras. Recordo aquela imagem e foi uma das poucas, de que me lembro, em que o senhor com a pena assinou o despacho mas talvez sem pena. Ele saberia!

Com o decorrer dos tempos as coisas foram evoluindo/mudando o que me permite hoje escrever sem pena nem pena de nunca ter escrito com pena.

Mas é assim! Usei nos meus tempos de escola e posteriores vários tipos de “utensílios” de escrever com tinta. Foram as canetas de madeira redondas ou triangulares com o aparo 404 ou o “pena de pato”, que molhava no tinteiro da “carteira”. Foi já no secundário que vi e tive as esferográficas a BIC ou a BIRO ou PARKER mas muitas outras marcas foram marcando lugar de tal modo que ainda hoje século XXI é o acessório de escrita mais usado.

As canetas de tinta permanente tiveram também no circuito lugar importante e de destaque. Era tal a sua importância para “nos dizer” da condição económica dos seus portadores, que, nas zonas onde havia muito volfrâmio logo muito dinheiro, constava que na algibeirinha do casaco, aquela onde mais tarde se veio a usar um lenço, usavam 4 e 5 canetas das melhores marcas.

O valor dado ao uso duma dessas canetas era tal que quando das minhas provas de exame de admissão ao Liceu o meu pai me emprestou a sua Parker com aparo de ouro e clip do mesmo nobre metal. As recomendações de cuidado foram tão convincentemente veementes e de tal rigor que nem a usei por receio de a estragar.

Por essa ocasião e se “passasse” tive a promessa de um relógio de pulso. Passei! Mas não foi necessário o meu pai cumprir a promessa porque no dia do exame, quando vinha apanhar o eléctrico no Largo da Graça achei um Tissot. Tinha a bracelete partida. Foi substituída e foi meu companheiro até aos 18 anos quando o perdi por ter partido a bracelete. Esta infe-



liz ocorrência marcou para sempre em mim o dia duma excursão ao Luso. Penso que se soltou quando numa das fontes me deliciava com o sabor e frescura daquela água. Nunca, NUNCA esquecerei o meu RELOGIO de pulso!

Adiante. A evolução trouxe-nos outros equipamentos, um dos quais estou a usar hoje, para vos falar de penas canetas de mergulhar no tinteiro, canetas de tinta permanente, esferográficas, PCs e até, do que passou a ser, o meu Tissot.

Já há muito que desejava contar-vos estas histórias, pois, “mas o tempo não dá pra tudo”.

Tenho pena de não ter feito antes toda esta descrição. Primeiro pela utilidade que tem, depois porque não devo reservar só para mim tão importantes conhecimentos. Mas como já disse, e bem sabem, o tempo não dá pra tudo!

Figuem Bem. Passem BEM. Não tenho pena do tempo que vos ocupe.